

JORNAL DA TARDE

BNDES PREVE CRESCIMENTO

Economia Brasil

Em estudo com o Ipea, o banco prevê década de aumento do PIB. 28 JAN 1992

MAURÍCIO CORRÊA/AE

Depois de dez anos de más notícias, período em que o País mergulhou na crise da dívida externa, a economia ficou estagnada e o achatamento salarial transformou-se na principal característica da década, o governo brasileiro emite os primeiros sinais em direção às boas notícias, ainda que numa perspectiva de longo prazo. De acordo com um estudo preparado em conjunto pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Brasil chegará ao ano 2000 com uma renda *per capita* entre US\$ 2,965 e US\$ 4,221, contra o patamar atual de US\$ 2,060, enquanto o PIB passará dos atuais US\$ 468 bilhões para uma faixa entre US\$ 533 bilhões e US\$ 759 bilhões.

O documento mostra que o País já começa a se preparar para o *day after* que se seguirá ao fechamento do acordo com o FMI, previsto para amanhã, e a renego-

ciação da dívida externa com os bancos, a próxima etapa para a normalização dos compromissos internacionais. A primeira consequência dos dois acordos é a necessidade que o País tem de voltar a pensar em termos de longo prazo, baseado na hipótese do crescimento auto-sustentando.

Intitulado "Modelo Multissetorial de Consistência", o documento, de 50 páginas, reavalia toda as projeções da economia brasileira até o ano 2000, a partir da aplicação das atuais políticas macroeconômicas. A premissa do trabalho é bastante objetiva e simples: depois de dez anos em que o crescimento econômico não conseguiu alcançar sequer a taxa de crescimento demográfico, o Brasil precisa começar a se preparar para uma retomada da expansão da economia a um ritmo sustentado.

Estratégia

De acordo com os técnicos do BNDES e Ipea, a estratégia de

crescimento deverá ser retomada com a combinação de políticas fiscal e monetária austeras e um amplo entendimento nacional. Os acordos com o FMI e os bancos credores são a base teórica de todo trabalho. Aliados ao saneamento do setor público, eles possibilitarão, no médio prazo, a volta dos investimentos do governo, tornando a aquecer a economia.

O documento não pretende ser uma espécie de bola de cristal, mas mostra que o governo brasileiro voltou a pensar em termos de longo prazo, depois de dez anos de economia estagnada, conforme aconteceu na maior parte do governo Figueiredo, durante todo o governo Sarney e nos primeiros dois anos do governo Collor. Agora, os técnicos acreditam que não é necessário pensar exclusivamente na semana seguinte, conforme aconteceu na chamada "década perdida".

"Fixado um horizonte de tempo, o modelo determina as taxas de crescimento agregada e seto-

rial, a taxa de câmbio, o nível dos salários e o montante de dívida interna pública líquida, compatíveis com uma dada trajetória da dívida externa, com parâmetros diversos de política fiscal e de comércio exterior, e com um certo perfil da distribuição de renda", assinala o documento.

Os técnicos do BNDES e Ipea projetaram o seguinte cenário internacional, no ano 2000: o barril de petróleo estaria custando US\$ 32,00; a inflação dos Estados Unidos e da Comunidade Européia seria de 4% ao ano, enquanto a taxa Libor (London Interbank Offered Rate, que regula os contratos financeiros fechados no mercado europeu) seria de 7,5%. Já descontadas as conversões associadas às privatizações das empresas estatais, a dívida externa brasileira poderia ficar entre US\$ 112 bilhões, na visão mais otimista, e US\$ 142 bilhões, na projeção mais pessimista. Hoje, a dívida total (de curto e de longo prazo) é calculada em US\$ 118,4 bilhões.